

A dinâmica cognitiva do pensamento indexical¹

The cognitive dynamics of indexical thought

 10.21680/1983-2109.2022v29n59ID29537

Matheus Valente

Universitat de Barcelona e Universitat de València, Espanha

 0000-0001-6380-2623

matheusvalenteite@gmail.com

Resumo: A questão central da dinâmica cognitiva é explicar como retemos e re-expressamos as crenças que anteriormente expressamos por meio de expressões indexicais. Minha tese é a de que a única maneira de reter uma crença indexical é convertendo-a em uma crença mnemônica, isto é, baseada na memória. Minha visão diverge de outras recentemente avançadas na medida em que negamos a mera possibilidade de re-expressar uma crença por meio de uma expressão indexical. Uma vez que uma crença indexical é expressa, ela só pode ser pensada e expressa novamente através de um demonstrativo de memória. Sua retenção, portanto, pressupõe que seja despida de sua indexicalidade. Motivarei o problema da dinâmica cognitiva a partir dos influentes comentários de Frege em “O Pensamento”, partindo daí a revisar algumas teses fundamentais sobre a crença e como elas parecem conflitar quando pensamos em casos de sujeitos que perdem a noção do tempo ou espaço. Em seguida, avaliarei três estratégias de dissolução do conflito inspiradas nas propostas de Evans e, mais recentemente, Bozickovic e Recanati. Após criticá-los, sugiro minha própria visão e a defendo de possíveis objeções.

Palavras-chave: dinâmica cognitiva, arquivos mentais, retenção de crenças, indexicais, transparência.

Abstract: The central issue of cognitive dynamics is to explain how we retain and re-express beliefs that we previously expressed through indexical expressions. My thesis is that the only way to retain an indexical belief is to convert it into a mnemonic, that is, memory-based, belief. My view diverges from others recently advanced in that we deny the mere possibility of re-expressing a belief through an indexical expression. Once an indexical belief is expressed, it can only be thought about and expressed again through a memory demonstrative. Its retention, therefore, requires that it is stripped of its indexicality. I will motivate the problem of cognitive dynamics starting from Frege's influential comments in “The Thought”, then assessing some fundamental theses about belief and how they seem to conflict when we think about cases of subjects who lose track of time or space. Next, I will evaluate three conflict resolution strategies inspired by the proposals of Evans and, more recently, Bozickovic and Recanati. After criticizing them, I suggest my own view and defend it against possible objections.

¹ Esta pesquisa foi financiada por um contrato Margarita Salas através das universidades de Barcelona e València

Palavras-chave: cognitive dynamics, mental files, belief retention, indexicals, transparency.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da dinâmica cognitiva: a questão de explicar o que é para um sujeito reter uma *crença indexical* ao longo do tempo ou mudar de ideia sobre ela. Chamemos de 'crenças indexicais' todas aquelas crenças que um pensador normalmente expressaria por meio de enunciados contendo expressões indexicais como os temporais 'hoje' ou 'agora', os locativos 'aqui' ou 'lá', os pronomes 'tu' e 'ele', bem como outros demonstrativos como 'este' ou 'aquilo'. As crenças indexicais são filosoficamente interessantes em mais de um sentido. Muito já foi escrito, por exemplo, sobre sua conexão supostamente íntima com o comportamento, sobre se elas são públicas ou privadas e sobre como elas poderiam ser comunicadas.² Por razões que logo ficarão claras, a sensibilidade ao contexto das expressões indexicais também torna especialmente complicado explicar como alguém pode re-expressar crenças indexicais que formou em outro contexto.

Neste artigo, eu avanço a tese de que, com exceção das crenças sobre si (aquelas exprimíveis pelo pronome de primeira pessoa 'eu'), a *única* maneira de reter e, assim, re-expressar, crenças indexicais é por meio de demonstrativos de memória. Isto significa que todas as crenças temporais e locativas, bem como as crenças expressáveis por meio de 'tu', 'ele' e demonstrativos perceptuais, são tais que só podem ser retidas se forem convertidas em crenças baseadas na memória. As crenças sobre si não são como as outras nesse respeito, então vou deixá-las fora da discussão por enquanto (mas veja o final da seção 8 para alguns comentários). Uma consequência interessante (porém contra-intuitiva) de minha proposta é que dois tokens distintos de expressões indexicais produzidos por um falante sempre expressam algo distinto (no sentido de que é possível compreendê-los e ainda assim duvidar de sua co-referência).

A teoria da dinâmica cognitiva que defendo vai contra aquelas propostas por outros autores no que diz respeito ao papel que as capacidades de rastreamento - como a capacidade de acompanhar a passagem do tempo, as mudanças no espaço, ou a localização de objetos relativa aos seus sentidos etc. - desempenham.

² Para saber mais sobre a indexicalidade essencial dos pensamentos, ou seja, se os pensamentos indexicais são cognitivamente irredutíveis aos não indexicais, ou sobre sua conexão íntima com a motivação da ação, ver, por exemplo, Perry 1979, Cappelen & Dever 2013 e Ninan 2016, Valente 2018. Para mais informações sobre a publicidade das crenças indexicais e sobre a comunicação indexical, veja os artigos coletados por García-Carpintero & Torre, 2016, bem como Kindermann 2019.

Praticamente todos os autores que lidaram com a questão da dinâmica cognitiva defenderam a visão de que as capacidades de rastreamento são pelo menos suficientes (se não necessárias) para a retenção de crenças indexicais. Nossa proposta, por outro lado, implica que as capacidades de rastreamento não são nem suficientes nem necessárias para reter um pensamento indexical, e que o exercício da memória é a única maneira de fazê-lo.

Na seção 2, apresento a questão da dinâmica cognitiva por meio da exposição de um princípio inicialmente proposto por Frege que foi tomado como central neste debate, assim como suas limitações no que diz respeito aos casos de retenção de crenças indexicais. Em seguida, apresento (seção 3) dois puzzles envolvendo sujeitos que perdem a noção do tempo mas, intuitivamente, ainda parecem reter suas crenças indexicais. Consideramos três estratégias diferentes para explicar a retenção de crenças nestes casos, mas argumento que cada uma tem seus próprios problemas: a estratégia que apela ao princípio da objetividade (seção 4) torna pensadores intuitivamente racionais irracionais; a estratégia não-factiva de Bozickovic (2015) (seção 5) não produz a previsão correta para alguns casos relevantes e, finalmente, a teoria de Recanati (2016) torna a retenção de crenças indexicais excessivamente demandante (seção 6). Na seção 7, apresento a minha própria visão, segundo a qual a única maneira de reter as crenças indexicais é convertendo-as em crenças mnemônicas, isto é, baseadas na memória. Antes de concluir, discuto brevemente por que crenças mnemônicas não são crenças indexicais, assemelhando-se mais a crenças deferenciais, além de comentar o caso peculiar das crenças sobre si (seção 8).

2. O PRINCÍPIO DE FREGE

Na filosofia da linguagem, muitas teses distintas são comumente chamadas de 'fregeanas' ou, pelo menos, inspiradas diretamente na obra de Frege. Uma das mais célebres entre elas é aquela às vezes chamada de 'Frege's Constraint' (chamemo-as de 'O Princípio de Frege', (PF). Tomando "pensamento" como um termo genérico para os objetos de nossas atitudes proposicionais, tal como as coisas em que acreditamos (e não acreditamos) ou que sabemos (ou não sabemos), podemos formulá-lo assim:

(PF) Se um pensador totalmente racional mantém simultaneamente atitudes contrastantes com relação aos pensamentos A e B, então A não é idêntico a B.

Em outras palavras, ser totalmente racional é incompatível com manter atitudes contrastantes – como crença e descrença – direcionadas a um só pensamento. A genialidade por trás da PF é que ele nos fornece um critério de individuação para pensamentos em termos da noção (que espera-se ser mais clara) de quais atitudes um agente pode manter simultaneamente sem perda de racionalidade. PF pode ser também visto como o princípio que subjaz às influentes discussões de Frege em Sentido e Referência.

Quando colocado em uso em exemplos concretos, PF produz o resultado amplamente aceito de que alguns pensamentos co-referenciais são distintos. Alguém poderia, por exemplo, simultaneamente acreditar que Cícero era um orador romano habilidoso, mas deixar de acreditar que Túlio era um orador romano habilidoso, mesmo que Cícero seja a mesma pessoa que Túlio. Como não há nada de irracional em não saber que 'Cícero' e 'Túlio' são nomes da mesma pessoa, PF fornece o resultado de que os pensamentos normalmente expressos por 'Cícero era um orador romano habilidoso' e 'Túlio era um orador romano habilidoso' diferem.

Observe, no entanto, que há uma certa limitação na forma como PF foi formulado: ele só diz respeito aos pensamentos que um pensador mantém *ao mesmo tempo*. Essa limitação sincrônica fica clara se excluirmos 'simultaneamente' e tentarmos colocar o princípio em prática com uma pensadora que, muito ordinariamente, muda de opinião sobre algum assunto: no momento t^1 , Júlia acredita que Cícero e Túlio são oradores romanos diferentes; em t^2 , depois de fazer algumas pesquisas na biblioteca, ela percebe que eles são a mesma pessoa, passando então a descrever que Cícero e Túlio são oradores romanos diferentes. Como Júlia parece ser ordinariamente racional tanto em crer (em t^1) quanto em descrever (em t^2) o pensamento de que Cícero e Túlio são oradores romanos diferentes, PF-menos-simultaneidade nos obriga a concluir que existem, em algum lugar, dois pensamentos distintos sujeitos às suas atitudes conflitantes, embora resulte improvável encontrá-los.

A razão pela qual PF-menos-simultaneidade falha em entregar os resultados intuitivamente corretos no caso de Júlia é clara: nunca houve um momento *único* em que ela tenha mantido atitudes conflitantes em relação ao mesmo pensamento. Essas reflexões sugerem uma forma de reformular o PF de maneira que ele possa ajudar a individuar os pensamentos de pensadores em distintos momentos. Como seu mau funcionamento derivou do fato de Júlia ter mudado de

ideia de um momento para o outro, precisamos apenas tornar o princípio sensível à questão de se os pensadores mudaram de ideia ou não. Uma maneira pela qual esse objetivo poderia ser alcançado seria reformulando PF da seguinte forma:

(PF2) Para qualquer período de tempo compreendido entre os tempos t^1 e t^2 em que um pensador totalmente racional não muda de ideia, se este pensador mantém atitudes contrastantes em relação aos pensamentos co-referenciais A e B (respectivamente nos momentos t^1 e t^2), então A não é o mesmo pensamento que B.

Por mais promissor que PF2 pareça, é fácil ver que ele está fadado a um tipo vicioso de circularidade (pelo menos enquanto critério de individuação de pensamentos). Isso porque, para aplicar PF2 a casos particulares, é necessário que se saiba previamente se um pensador mudou ou não de opinião sobre determinado assunto. Mas claramente esta é uma das perguntas que um critério de individuação do pensamento deve nos ajudar a responder em primeiro lugar. Um critério informativo deveria nos ajudar a determinar se um pensador manteve ou não suas crenças inalteradas, e isso é algo que o PF2 claramente não pode fornecer.

Ainda assim, talvez possamos ser um pouco mais otimistas. Assim como a formulação original de PF prometia nos ajudar a individuar pensamentos por meio da noção mais básica de ‘dubitabilidade racional’, PF2 pode ser capaz de fazer o mesmo baseando-se em nossas intuições pré-teóricas sobre se pensadores mudaram de ideia em relação a um assunto ou não. De fato, a retenção de crenças é um tópico sobre o qual geralmente temos fortes intuições; e quando temos essas fortes intuições, podemos estar em posição de usar o PF2 de forma informativa.

3. CRENÇA INDEXICAL E ASSENTIMENTO: DOIS CASOS DIFÍCEIS

Quando é intuitivamente o caso que um pensador reteve uma crença? Em primeiro lugar, parece que estamos dispostos a julgar que alguém não mudou de opinião (entre t^1 e t^2) em relação ao pensamento expresso por um proferimento de uma sentença em t^1 se essa pessoa está disposta a concordar com um proferimento da mesma sentença em t^2 . Infelizmente, este critério baseado no *assentimento ao mesmo proferimento* não é muito útil no que diz respeito às crenças indexicais, uma vez que não parece ser suficiente nem necessário que alguém esteja disposto

a concordar com o proferimento de uma sentença duas vezes para contar como tendo retido uma crença indexical.

A prova de que não é necessário é simples. Para reter até o dia 20 de Agosto uma crença que se expressava por meio de 'Hoje faz muito frio!' no dia 19 de agosto, é preciso estar disposto a concordar com o proferimento da sentença (distinta) 'Ontem fez muito frio!', e não da mesma que anteriormente se proferiu. Isso também demonstra que assentir a proferimentos da mesma sentença não é suficiente para que haja retenção: pode-se muito bem concordar com o proferimento de uma mesma sentença contendo 'Hoje' nos dias 19 e 20 de agosto e ainda assim ter drasticamente mudado de ideia sobre o que anteriormente pensava. A manutenção de crenças indexicais parece exigir algum tipo de transformação sistemática nas sentenças a cujos proferimentos estamos dispostos a assentir. No exemplo atual, espera-se que alguém que expresse uma crença com 'Hoje' em um dia e retenha essa crença, concorde com o proferimento de uma sentença diferente contendo 'Ontem' no dia seguinte.³

Isso pode, à primeira vista, parecer a coisa correta a se dizer sobre crenças exprimíveis através dos indexicais 'hoje' e 'ontem'. Já em 1918, Frege (1997/1918, p. 296) notava que “se alguém quiser dizer hoje o mesmo que expressou ontem usando a palavra 'hoje', deve substituir essa palavra por 'ontem'”. Infelizmente, mesmo que este dito soe quase como um truísmo, ele pode não ser irrestritamente verdadeiro. Considere os dois casos a seguir:

Pedro Pressa: é 19 de agosto às 22h quando Pedro Pressa expressa uma crença indexical dizendo 'Hoje faz muito frio!'. Depois de uma hora, Pedro erroneamente começa a pensar que já é meia-noite e, portanto, que o dia atual é o dia 20. Sentindo uma mudança repentina de temperatura, Pedro se lembra de como estava frio uma hora atrás quando ele fez sua declaração anterior e diz 'Ontem fez muito frio!'.

Sônia Sono: é 19 de agosto às 22h quando Sônia Sono expressa uma crença indexical ao dizer 'Hoje faz muito frio!'. Sônia vai dormir, mas erroneamente toma o dobro de pílulas para dormir que deveria. A superdosagem a faz dormir por dois dias consecutivos, finalmente acordando no dia 21 pela manhã. Sônia não suspeita de nada e acredita que dormiu apenas uma noite. Lembrando-se de como estava frio antes de ir para a cama, ela diz 'Ontem fez muito frio!'.

³ Algo semelhante poderia ser dito sobre os pares 'agora'/'então', 'aqui/lá', 'amanhã'/'hoje' etc.

Tanto Pedro Pressa quanto Sônia Sono perderam a noção do tempo. Pedro acha que o dia atual é 20 de Agosto quando na verdade é 19; Sônia pensa que o dia atual é o 20, quando na verdade é o 21. Tendo perdido a noção de que dia é, tanto Pedro quanto Sônia tentam re-expressar as crenças indexicais que haviam expressado anteriormente por meio de palavras que são, em um sentido, erradas e, em outro, certas.

Começemos pelo sentido em que suas escolhas são erradas. As palavras que usam estão erradas porque parecem fazer com que seus proferimentos se refiram a um dia distinto daqueles aos que os falantes têm a intenção de referir. Assumindo que os proferimentos das palavras 'hoje' e 'ontem' sempre se referem aos dias que são, respectivamente, atuais e anteriores ao momento da fala, então, quando Pedro faz seu segundo proferimento, ele se refere ao dia 18 (um dia sobre o qual, podemos assumir, Pedro não possui nenhuma opinião meteorológica); quando Sônia faz seu segundo pronunciamento, ela acaba se referindo ao dia 20 (um dia em que ela não fez nada além de dormir).

No entanto, há outro sentido em que suas escolhas de palavras são bastante razoáveis. Certamente pode-se perder a noção do tempo sem se tornar automaticamente irracional – pensadores não são calendários. Assim, há um sentido intuitivo segundo o qual Pedro e Sônia são totalmente racionais, independentemente de sua confusão, e escolhem as palavras apropriadas para expressar seus pensamentos. Mas então, uma vez que os proferimentos que eles produzem no segundo estágio de suas histórias são precisamente aqueles que eles deveriam ter feito, dadas suas intenções e o estado epistêmico em que se encontram, há um sentido em que eles não fazem nada de errado.

Pedro Pressa e Sônia Sono são ilustrações vívidas de como é complicado determinar a quais sentenças devemos estar dispostos a concordar quando retemos uma crença indexical. Eles conseguiram re-expressar suas crenças indexicais ou não? Não há uma resposta óbvia para essa pergunta.

Evans (1981) argumentou que pensadores que falham em exercer suas capacidades de rastreamento também falham em reter suas crenças indexicais e, portanto, julgaria que nem Pedro nem Sônia conseguiram reter ou re-expressar suas crenças indexicais. Mas a tese de Evans parece ter mais consequências indesejáveis do que desejáveis. A favor de Evans, sua teoria permite que ele escape da necessidade de alegar que Pedro e Sônia re-expressam com sucesso suas crenças, apesar de se referirem a dias distintos do que pensam. No entanto, Evans torna a retenção de crenças completamente dependente da capacidade de um

pensador de acompanhar o tempo, o espaço e outros fatores contextuais. Isso significa que nós, enquanto pensadores, estamos sob o eterno risco de ter perdido nossas crenças por causa de inocentes erros que não são lógico-conceituais, mas factuais.

O dito Fregeano citado acima nos presenteou com uma regra para reter crenças envolvendo o 'hoje', mas agora vemos que ele parece se restringir a pensadores-calendários que não perdem a noção do tempo. Em vez de seguir Evans e simplesmente eliminar a capacidade de reter crenças de sujeitos falíveis como Pedro e Sônia, deveríamos partir para encontrar uma explicação geral da retenção de crenças indexicais, que cuide de falantes confusos assim como de não-confusos; de falantes que têm sucesso em seguir o tempo, e de falantes que falham em fazê-lo. Nas próximas seções, consideramos três estratégias para explicar a retenção de crenças de acordo com as quais pensadores confusos podem, pelo menos em princípio, reter suas crenças indexicais.

4. EXTRAPOLANDO A MÁXIMA DE FREGE: OBJETIVIDADE

O princípio de Frege (PF) mostrou-se problemático, mas pode haver um grão de verdade por trás dele, a saber, a ideia de que, pelo menos quando um pensador consegue manter a noção do tempo, então o caminho certo para reter uma crença expressa com 'hoje' ontem é concordar com uma crença expressa com 'ontem' hoje. E se extrapolarmos a partir desse princípio e sugerirmos que, o que quer que seja certo para um pensador que tenha mantido a noção do tempo deve ser certo para qualquer outro pensador (independentemente de seu estado epistêmico)?

A visão resultante seria aquela em que, para re-expressar uma crença indexical em diferentes contextos, deve-se usar a expressão que teria sido escolhida por um observador onisciente que nunca falha no exercício de suas capacidades de rastreamento. Seres oniscientes sempre sabem que dia é hoje. Logo, se eles usarem a palavra 'hoje' duas vezes no mesmo dia, então estes tokens expressam o mesmo conteúdo. Mas se dois tokens de 'hoje' no mesmo dia têm o mesmo conteúdo para um observador onisciente, então, de acordo com a visão que estamos considerando, eles deveriam fazer o mesmo para qualquer pensador.

Colocado negativamente, essa estratégia implica que a crença indexical expressa por meio de um proferimento é fixada independentemente do estado epistêmico do falante, incluindo suas crenças ou sua capacidade de haver acompanhado com sucesso a passagem do tempo, espaço etc. Assim, por exemplo, se alguém disser 'hoje' no dia 19 de agosto, e agora é dia 20, então este só poderia

re-expressar sua crença usando 'ontem' (independentemente de ter perdido a noção do tempo ou não).

Essa estratégia, vamos chamá-la de 'Objetividade', promete uma solução clara para a questão da dinâmica cognitiva: reter e re-expressar uma crença pode ser determinado antes de qualquer investigação sobre as idiosincrasias de pensadores confusos. No entanto, como muitos critérios absolutos, ele parece levar a consequências flagrantemente indesejáveis. Mais particularmente, Objetividade implica que tanto Pedro Pressa quanto Sônia Sono falham em re-expressar suas crenças indexicais. Além disso, Objetividade implica que a única maneira pela qual eles poderiam ter feito isto com sucesso seria haver proferido palavras que, de acordo com seus estados epistêmicos, seriam completamente irracionais de proferir.

A Objetividade não apenas implica que Pedro e Sônia falham em re-expressar seus pensamentos mesmo quando estão justificados em escolher as palavras que fazem, mas também parece tornar irracionais os pensadores intuitivamente racionais. Vamos considerar uma variação da história de Pedro Pressa:

Alice Aluada: é 19 de agosto às 22h quando Alice expressa uma crença indexical ao dizer 'Hoje faz muito frio!'. Depois de uma hora, Alice erroneamente acredita que já é meia-noite e, portanto, que o dia atual é 20 de Agosto. Uma mudança repentina do clima faz com que a temperatura suba dramaticamente. Com a intenção de contrastar o clima atual com o clima no momento de seu primeiro proferimento, Alice pronuncia 'Hoje não faz muito frio!'.

Intuitivamente, por meio de seu segundo enunciado Alice se considera expressando um pensamento sobre o dia 20, ou seja, um pensamento que não contradiz o anterior. No entanto, se aceitarmos a Objetividade, é difícil escapar à conclusão de que Alice fez exatamente o que deveria ter feito para expressar uma crença que contradiz diretamente sua anterior e, portanto, que agora ela acredita simultaneamente de um certo dia (19) que ele é frio e não-frio. A objetividade implica que Alice, e muitos outros pensadores intuitivamente racionais mas que estão aquém da onisciência contextual, são irracionais.

É particularmente preocupante quando uma teoria da crença indexical torna irracionais pensadores intuitivamente racionais, especialmente quando a causa de sua irracionalidade seria algo que ela não seria capaz de descobrir sem recorrer à experiência. Em outras palavras, a irracionalidade de suas crenças não seria,

como Boghossian (1994, p. 36) denominou, *transparente* para ela mesma. A identidade ou diferença dos pensamentos de alguém é *transparente* quando satisfaz esta restrição:

(Transparência) Se dois pensamentos simbólicos de um pensador possuem o mesmo conteúdo, então o pensador deve ser capaz de saber *a priori* que eles o possuem; e se dois dos pensamentos simbólicos de um pensador possuem conteúdos distintos, então o pensador deve ser capaz de saber *a priori* que eles o possuem.⁴

Os debates sobre até que ponto a Transparência deve ser aceita ou restrita são muito extensos para serem avaliados aqui, então nos contentaremos com algumas observações abstratas. Qualquer teoria que rejeite a Transparência e permita que a racionalidade de alguém seja *a posteriori* borra a linha entre o raciocínio inválido e o raciocínio com base em premissas falsas. Ou seja, do ponto de vista normativo e epistêmico, essa teoria não marca uma diferença entre um pensador que se pergunta se Cícero e Túlio são o mesmo orador romano e outro que se pergunta se Cícero é o mesmo orador romano que ele mesmo. Intuitivamente, deveríamos poder dizer que o segundo, mas não o primeiro, pensador é irracional. A negação da transparência, no entanto, abre a possibilidade de que ele seja totalmente racional e que meramente acredite falsamente que dois tokens do mesmo nome tenham conteúdos distintos.

Pode-se dizer também que quem abre mão da Transparência poderia muito bem deixar de lado o empreendimento fregeano de individualizar pensamentos que são mais refinados do que seus referentes, afinal, a motivação fundamental deste empreendimento, bem encapsulada por PF, é a de que os referentes de nossos pensamentos não são *a priori* conhecíveis por nós, de modo que precisamos passar para uma noção *transparente* de conteúdo, ou seja, sentidos, modos de apresentação, pensamentos, etc. Recanati (2012, p. 117) toma justamente essa linha quando escreve: “[...] se modos de apresentação não são em si transparentes, não há razão para passar da pura conversa referencial a modos de apresentação na explicação do comportamento racional”.

Em resumo, a Objetividade é a estratégia que alcançamos se tentarmos reformular o Princípio de Frege como uma tese geral sobre crenças indexicais, mas é claramente incompatível com a transparência do pensamento. Vamos agora considerar duas maneiras de tentar manter pensamentos transparentes e, ao

⁴ *A priori* deve ser lido ao longo deste artigo como 'independente da experiência externa'.

mesmo tempo, garantir que pessoas como Alice, Pedro e Sônia sejam capazes de manter suas crenças.

5. REJEITANDO A FACTIVIDADE: BOZICKOVIC

Com o objetivo de salvar a transparência dos pensamentos, Bozickovic (2015) argumenta que o contexto em que um enunciado de um indexical é feito determina apenas a quem ele se refere, mas não necessariamente a contribuição de pensamento que ele faz. Este autor ilustra seu argumento com um caso análogo ao de Sônia Sono.⁵ Quando Sônia acorda acreditando erroneamente que dormiu apenas uma noite, diria Bozickovic, ela consegue re-expressar a crença indexical que tinha antes de ir para a cama no dois dias antes por meio de um proferimento que contém 'ontem', termo que na verdade se refere a um dia em que ela esteve sob sono profundo.

A estratégia de Bozickovic implica, portanto, que é possível reter e re-expressar com sucesso uma crença indexical por meio de um proferimento que se refere a algo distinto do que a crença original pretendida. Já havíamos sugerido que esta é uma conclusão problemática ao considerar a visão de Evans, mas Bozickovic tem algo a dizer com a intenção de reduzir os seus danos.

O principal movimento deste autor é rejeitar a tese, vamos chamá-la de 'Factividade', de que o pensamento expresso por um proferimento determina o conteúdo referencial do mesmo. Em outras palavras, Bozickovic argumenta que o referente de um proferimento indexical é determinado pelo significado linguístico dos indexicais nele contidos junto com o contexto (e assim, que os segundos proferimentos de Alice, Pedro e Sônia realmente se referem ao dia “errado”) mas que *o assunto* do pensamento expresso é determinado de maneira independente. Como? Bozickovic (ibid., p. 480) menciona dois critérios: (i) o assunto de um pensamento é sua fonte causal, e (ii) dois pensamentos são sobre o mesmo assunto (independentemente dos referentes dos proferimentos usados para expressá-los) se seu pensador os está *representando como o mesmo* da primeira ocasião à segunda.

Não é fácil avaliar se e quando esses dois critérios são atendidos. Bozickovic possivelmente gostaria de afirmar que o segundo enunciado de Sônia se refere ao dia (“errado”) 20 de agosto, mas que o pensamento expresso tem sua fonte causal no dia 19 de agosto. Isso faz sentido se lembrarmos que Sônia dormiu

⁵ Bozickovic (2015) ilustra sua discussão com o caso de Rip van Winkle, personagem do conto de 1819 de Washington Irving, que adormece e acorda apenas vinte anos depois.

durante todo o dia 20. Também parece fazer sentido dizer que, ao acordar, Sônia estaria representando o assunto de sua primeira crença *como o mesmo*, pelo menos se tudo o que isso implica é que Sônia *assume* estar re-expressando sua crença anterior (e não expressando uma crença nova recém-formada). Assim, Bozickovic pode muito bem ter um argumento no sentido de que a segunda crença expressa por Sônia *Sono* é sobre o mesmo assunto que a primeira.

Independentemente desse sucesso inicial, parece que os dois critérios de Bozickovic não são prontamente aplicáveis ao desenvolvimento da história de Alice Aluada. O caso, lembre-se, é aquele em que Alice tenta expressar uma crença sobre o dia 20 de Agosto por meio de 'hoje', embora ainda sejam 23h do dia 19 de agosto. Mesmo que esteja enganada, Alice é racional e não deveríamos dizer que acredita em uma contradição. Se Bozickovic pretende resguardar a transparência de seus pensamentos, então ele deve ser capaz de prever que a segunda crença expressa por Alice *não* é sobre o mesmo assunto que a primeira (independentemente dos tokens relevantes de 'hoje' co-referirem, o que é o caso). Mas não está claro se ele é capaz de fazê-lo.

Primeiro, a crença expressa pelo segundo token de 'hoje' de Alice não parece ter o dia 20 como sua fonte causal. O dia 20 nem sequer é atual naquele momento, é uma data no futuro e, como tal, parece estar fora do alcance causal de qualquer pessoa. A segunda sugestão de Bozickovic tem a ver com o sujeito representar algo como o mesmo de uma ocasião a outra, mas não parece que essa noção possa ser aplicada à história de Alice. Não há uma coisa que ela pretenda representar duas vezes. Antes, Alice pretende falar sobre o 19 de Agosto, depois, ela pretende falar sobre o dia 20. Bozickovic poderia insistir que Alice pelo menos *não* pretende que seu segundo token de 'hoje' seja tomado como representando o mesmo que o primeiro. Nesse ponto, parece que a estratégia começa a se basear cada vez mais nas intenções referenciais da falante. A ideia, em poucas palavras, seria: já que Alice não pretende que seu segundo pensamento seja sobre o mesmo assunto que o primeiro, então eles não são. Mas essa estratégia também falharia: Alice tem outras intenções referenciais, como aquelas manifestadas por sua consciente escolha do termo indexical 'hoje', que nos levariam na direção oposta. A escolha da palavra 'hoje' para expressar seu pensamento compromete Alice com a intenção de que seu pensamento seja sobre o dia atual (o dia errado, 19 de Agosto). Em outras palavras, as intenções referenciais de Alice são contraditórias e, portanto, não determinam um único dia para o seu pensamento.

A nítida divisão imposta por Bozickovic entre o pensamento expresso por um enunciado e seu referente é suficiente para colocar sua teoria em uma posição

delicada,⁶ mas também tentei levantar problemas independentes sobre seus detalhes. Agora é hora de considerar um candidato final.

6. REAVALIANDO OS CASOS: RECANATI (2015, 2016)

A estratégia de Recanati (2016, cap. 4) para salvar tanto a Transitividade quanto a Factividade está centrada na hipótese de que sujeitos como Alice, Pedro e Sônia não se referem a nenhum dia determinado com seus segundos proferimentos. Uma vez que seus segundos proferimentos são apoiados em intenções referenciais contraditórias, eles não identificam nenhum referente em particular; são proferimentos “vazios”. A transparência do pensamento é salva pois este princípio requer apenas que nunca tomemos pensamentos distintos como se fossem o mesmo. A descrição que Recanati propõe de casos de confusão apenas implica que os sujeitos não conseguem ver que alguns pensamentos são vazios. Como normalmente não somos capazes de saber *a priori* se nossos pensamentos são vazios ou não, os sujeitos não cometem nenhum erro lógico.⁷

Recanati usa a noção de *conversão* para descrever como sujeitos atualizam suas crenças indexicais em diferentes contextos. Quando Sônia Sono profere “Hoje faz muito frio!” antes de dormir, ela expressa uma crença determinada sobre o dia 19 de agosto; uma crença que, ademais, ela parece manter quando acorda no dia 21 (erroneamente pensando que este era o dia 20). Como ela não pode repetir essa crença usando ‘hoje’ novamente, ela *converte* sua antiga crença em uma crença expressável por ‘ontem’. Segundo Recanati (ibid., p. 89-94), a nova crença de Sônia não é, estritamente falando, a mesma de sua crença que possuía no primeiro momento, porém Sônia pressupõe que ambas co-referem.⁸ Essa pressuposição de co-referência garante uma continuidade entre as duas crenças de Sônia - elas são distintas, porém conectadas.

Recanati encontra um meio-termo entre afirmar que os pensamentos indexicais de um pensador confuso são idênticos ou que são distintos. Os pensamentos de Sônia, por exemplo, não são os mesmos: o primeiro pensamento *diz respeito* ao dia contemporâneo à sua própria expressão, enquanto o segundo

⁶ A rejeição Factividade proposta por Bozickovic é bastante dramática. A Factividade é particularmente importante em teorias que se inspiram em Frege, pois ela age como uma cola ligando os sentidos [pensamentos] ao mundo concreto que os pensadores habitam. Se nossos pensamentos não determinassem seus próprios referentes, seria difícil entender porque eles nos fornecem razões práticas e epistêmicas.

⁷ A discussão da visão de Recanati deve ser tomada “com uma pitada de sal”. Embora considere brevemente o caso de Rip Van Winkle, semelhante ao de Sônia Sono (2016, p. 89-94), ele nunca analisa casos como o de Pedro ou Alice. Em suma, a teoria que atribuo a Recanati é uma extrapolação das teses que ele propõe para os casos semelhantes, mas não completamente análogos, de demonstrativos perceptuais (2016, capítulo 5).

⁸ Esse seria o caso especial de conversão que Recanati (2016, p. 42-44) chama de conversão incremental.

diz respeito ao dia anterior à sua produção. Por outro lado, seus dois pensamentos não são tão independentes quanto qualquer outro par de pensamentos distintos que acidentalmente co-referem; eles estão *conectados*: o segundo pensamento de Sônia é parcialmente *constituído* por uma pressuposição de co-referência com o primeiro; ou ele se refere à mesma coisa que o primeiro pensamento ou não se refere a absolutamente nada.

Há muito a ser elogiado na visão de Recanati e creio que algo semelhante ao processo de *conversão* deve ocorrer quando pensadores mantêm suas crenças indexicais ao longo de diferentes contextos, mas sua visão ainda é insatisfatória em um aspecto fundamental. Como regra geral, me parece aconselhável isolar as condições de individuação dos nossos pensamentos e crenças de nossas intenções referenciais. Se não fizermos isso, corremos o risco de ter que aceitar consequências desconfortavelmente contra-intuitivas. É exatamente isso que acontece com a visão de Recanati.

Recanati explica a retenção de crenças indexicais identificando pressuposições de co-referência entre pensamentos que, estritamente falando, são distintos. A ideia parece bastante plausível quando nos concentramos em casos como o de Pedro e Sônia, onde só precisamos considerar dois pensamentos. Mas isto é apenas uma idealização. Quando retemos nossas crenças no “mundo real”, muitas vezes as re-expressamos várias, até incontáveis vezes. Como caracterizaríamos os pensamentos de Sônia Sono se, tão traumatizada por aquele dia frio em Agosto, ela continuasse pensando nele sucessivamente durante um ano inteiro? Recanati teria que dizer que, em cada dia distinto em que Sônia lembrasse daquele dia, Sônia estaria pensando um pensamento “novo” conectado com os anteriores, isto é, cada um deles constituído por uma pressuposição de co-referência com cada pensamento anterior, bem como com o pensamento indexical original. Mas se assim fosse, todas as vezes em que re-expressamos uma crença indexical, ela é acrescida de uma pressuposição adicional de co-referência e, assim, torna-se cada vez mais complexa. O custo cognitivo de reter e re-expressar uma crença indexical pareceria então depositar uma crescente carga na economia mental de um pensador, ao ponto de rapidamente tornar-se insuportável.

Esta não é a única consequência contra-intuitiva do modelo de dinâmica cognitiva de Recanati. Lembre-se da declaração de Pedro Pressa: 'Ontem fez muito frio!'. De acordo com a proposta de Recanati, o pensamento que este proferimento expressa é constituído por uma pressuposição de co-referência com aquele anteriormente expresso usando 'hoje'. Isto significa que, pensando em uma história alternativa onde Pedro somente pensa no frio que aquele diz fez quando

aquele dia já havia terminado, e assim profere 'Ontem fez muito frio' sem nunca haver pensado neste dia através de 'hoje', o pensamento que ele então expressaria seria distinto daquele que Pedro expressa na história original. Ou seja, o fato de ter proferido anteriormente 'Hoje faz muito frio!' *transforma* o pensamento que ele posteriormente expressa através de 'ontem', pois esse último será parcialmente determinado por uma pressuposição de co-referência que não existiria se as coisas houvessem ocorrido como na história alternativa. Em resumo, quando pensamos em um dia como sendo ontem após haver pensado nele como sendo hoje, pensamos neste dia de maneira diferente do que se houvéssemos pensado nele apenas como sendo ontem, uma conclusão que parece, no mínimo, inusitada.

Eu gostaria de sugerir uma estratégia diferente. A teoria que pretendo avançar, semelhante àquelas de Bozickovic e Recanati, nega a Objetividade na esperança de salvar a Transparência de nossos pensamentos. No entanto, ao contrário da visão destes dois autores, implica o forte corolário de que nunca retemos crenças indexicais através de outras crenças indexicais.

7. UMA NOVA TEORIA DA RETENÇÃO DE CRENÇAS BASEADA NA MEMÓRIA: CONTRA O RASTREAMENTO PERCEPTUAL

Nas duas seções anteriores, espero ter mostrado que nenhuma das teorias examinadas conseguiu fornecer uma descrição completamente satisfatória de casos onde um pensador perde a noção do tempo. Se tentarmos salvar a Objetividade na esperança de ter a teoria mais simples do pensamento indexical, temos que abrir mão da Transparência. Se, pelo contrário, decidimos salvar a Transparência por meio da estratégia de Bozickovic (2015), os pensamentos indexicais acabam por se dissociar completamente do conteúdo semântico (verofuncional) dos proferimentos. Por fim, se tentarmos seguir a visão de Recanati (2016), acabamos acorrentando nossos pensamentos indexicais às nossas próprias intenções referenciais idiossincráticas, o que gera implicações contra-intuitivas.

Sugiro que a raiz dessas dificuldades está em nossa confiança implícita na tese de que a maneira adequada de reter e, portanto, de re-expressar uma crença indexical através de mudanças de contexto, é por meio de outra expressão indexical. Ou seja, a tese de que

(Retenção Indexical) existem crenças A (expressas em t^1) e B (expressas em t^2) tais que (i) B é o resultado de ter retido A adequadamente, e (ii) B é uma crença *indexical*.

A Retenção Indexical é a tese aparentemente inocente de que algumas de nossas crenças podem ser mantidas *como crenças indexicais*. Praticamente todos os autores trabalhando neste tema pressupõem essa tese (e Frege não é uma exceção, como ilustramos em seu famoso dito). Bozickovic pensa que uma crença indexical pode ser o resultado de ter retido outra, desde que sejam *representadas como as mesmas* e/ou tenham a mesma fonte causal; para Recanati, desde que uma crença indexical seja o resultado de um processo de conversão e, portanto, seja parcialmente constituída por uma pressuposição de co-referência, ela pode ser caracterizada como o resultado de haver retido uma crença indexical anterior.

A insistência na ideia de que, por exemplo, uma crença expressa por ‘ontem’ pode ser o resultado de ter retido adequadamente uma crença expressa por ‘hoje’ é, penso, a fonte de muitas dificuldades. Aquele que assume Retenção Indexical deve se esforçar muito para acomodar os pensadores que perdem a noção de tempo e espaço; Bozickovic faz isso rejeitando a Factividade; Recanati, fazendo das intenções referenciais dos pensadores parte dos critérios de individuação dos pensamentos. Agora é hora de considerar uma estratégia diferente.

Eu proponho desistir da Retenção Indexical. Uma vez que nunca podemos ter certeza se acompanhamos adequadamente as mudanças contextuais ou não, será sempre uma questão em aberto se duas de nossas crenças indexicais co-referem ou não. Tomo isso como uma razão a favor de afirmar que não podemos re-expressar uma crença indexical por meio de um outro proferimento indexical. A visão resultante é aquela em que nenhum token indexical distinto produzido por um pensador – nem mesmo aqueles de um pensador que acompanhou perfeitamente o tempo entre a expressão de uma crença por ‘hoje’ e outra por ‘ontem’ – pode ser tomado como expressando um pensamento que é o resultado de haver retido uma crença indexical anterior.

Defenderei a viabilidade dessa teoria respondendo a dois desafios que ela obviamente enfrenta: (i) Como explicar a intuição de que as pessoas geralmente se consideram dizendo a mesma coisa por meio de sentenças indexicais distintas (o intuitivo dito Fregeano)? (ii) Se nunca se pode re-expressar uma crença indexical por meio de outra sentença indexical, como podemos fazê-lo?

A primeira pergunta é apenas uma maneira indireta de dizer que o dito Fregeano é intuitivo demais para ser deixado de lado. Se Retenção Indexical for rejeitada, então qualquer instância desta inferência seria inválida:

I. **Hoje** é um bom dia [em d^1]

II. **Ontem** foi o último dia de verão [em d^2]

III. Assim, o último dia de verão foi um bom dia [em d^2]

Se os tokens de 'hoje' e 'ontem' expressam contribuições de pensamento independentes, então eles não podem ser tratados como *representando o mesmo* em uma inferência. Uma maneira de evitar classificar como irracional um pensador que faça uma inferência como esta seria afirmar que as inferências que costumamos fazer são entimemáticas:⁹

I. **Hoje** é um bom dia [às d^1]

II. **Ontem** foi o último dia do verão [às d^2]

III. **Hoje** [às d^1] = **Ontem** [em d^2]

IV. Assim, o último dia de verão foi um bom dia [em d^2]

Mesmo que não pensemos normalmente em premissas de identidade, a explicação que estou sugerindo implicaria, elas estão lá, mesmo que apenas de forma implícita. Um problema óbvio com essa resposta é a de que a terceira premissa acima envolve pensar simultaneamente no mesmo dia como sendo hoje e ontem – mas isso é certamente impossível. É aqui que a ideia de *conversão* pode ser especialmente útil: não se pode pensar em um dia como sendo hoje quando esse dia já se tornou passado, então, se alguém quiser re-expressar um pensamento que envolvia 'hoje', é preciso antes *convertê-lo*. Mas convertê-lo em quê senão em outro tipo de pensamento indexical?

É fácil perceber que manter a noção do tempo (que dia é, que horas são etc.) não é suficiente e nem necessário para reter ou re-expressar uma crença que expressamos antes com 'hoje' (Branquinho, 1998, 2008). É possível, por exemplo, perder a noção do tempo, como ocorre com Sônia Sono, mas, intuitivamente, ainda poder ser visto como havendo retido as crenças que anteriormente expressou com 'hoje'. Uma pequena reflexão sobre esses pontos deixa claro que a memória, e não nossas capacidades de rastreamento temporal, é a ferramenta fundamental para a retenção de crenças indexicais:

“[...] é quase um truísmo que existe uma conexão íntima entre retenção de atitude e memória. [...] Embora Jones [um personagem que perde a noção do tempo como Pedro Pressa] seja *ex hypothesi* incapaz em $d + 1$ de acompanhar d , ou seja, de pensar em d como ontem, ele ainda pode dizer que ele reteve em $d + 1$ sua crença anterior sobre d de uma certa maneira, a saber, por meio da memória, e não em virtude da posição particular que ocupa no tempo ou de seu conhecimento de tal posição”. (Branquinho, 2008, p. 592-593)

⁹ Entimemas (do grego) são argumentos em que algumas premissas não são explicitamente declaradas.

Apesar de nossa concordância com Branquinho, ainda quero dar um passo mais à frente que este autor. Embora Branquinho reconheça a importância da memória para a retenção da crença indexical, ele ainda pensa que, quando tudo vai bem, pode-se dizer que uma pessoa reteve e re-expressou uma crença indexical por meio de outra.¹⁰ Defendemos, por outro lado, que não só a memória é mais fundamental para a retenção de pensamentos indexicais, mas também que é a única forma de retê-los. Somente quando se retém a memória de um pensamento expresso com 'hoje' na forma de um *demonstrativo de memória*, pode-se dizer que este pensamento foi apropriadamente retido. Esta seria então a representação entimemática do raciocínio temporal ordinário que tentamos ilustrar algumas páginas atrás:

I. **Aquele dia** [o dia de que me lembro] foi um bom dia [em d²]

II. **Ontem** foi o último dia de verão [em d²]

III. **Aquele dia** [o dia de que me lembro] = **Ontem** [em d²]

IV. Assim, o último dia de verão foi um bom dia [em d²]

Em resumo, um pensamento do tipo 'hoje', quando devidamente retido, torna-se um pensamento do tipo mnemônico exprimível por meio do demonstrativo complexo 'naquele dia'. A sonolenta Sônia, por exemplo, retém seu pensamento original do tipo 'hoje' porque ela se lembra de tê-lo expressado antes de dormir, e estaria em condições de re-expressá-lo por meio de um proferimento de 'Naquele dia fez muito frio!'. Podemos dizer algo semelhante sobre Pedro Pressa – uma vez que ele se lembra de como estava frio o dia em que fez sua declaração original, ele estaria em condições de re-expressar esse pensamento por meio de 'Naquele dia fez muito frio!'.

Esses pontos se aplicam *mutatis mutandis* a outros tipos de crenças indexicais. De acordo com nossa visão, a retenção adequada de uma crença exprimível por 'agora', por exemplo, se daria através de uma crença mnemônica que alguém expressaria pelo demonstrativo complexo 'então' ou 'naquele tempo' etc. A retenção adequada de um pensamento perceptual, como aquele expresso por 'Esta pessoa parece suspeita' ao observar um personagem suspeito, seria executado mantendo, mais tarde, uma crença mnemônica que alguém expressaria por 'Aquele pessoa parecia suspeita'. Para qualquer crença indexical

¹⁰ Outros autores que notaram que a retenção de crenças e a memória mantêm uma relação próxima são Perry (1997) e Ninan (2015), mas nenhum deles chegou a rejeitar a Retenção Indexical.

que se possa invocar, há uma crença mnemônica correspondente que pode ser considerada o mais apropriado produto da retenção da primeira.

Mas se alguém pode re-expressar uma crença indexical por meio de uma crença mnemônica, parece haver um conflito entre nossa explicação da retenção de crença e nossa rejeição anterior de Retenção Indexical: afinal, os demonstrativos de memória não seriam um tipo de expressão indexical?

8. MEMÓRIA, INDEXICALIDADE E AUTOCONFIANÇA

Concluirei este artigo dissolvendo este aparente conflito. Nossa sugestão é que os demonstrativos de memória são menos parecidos às expressões indexicais do que às *expressões deferenciais*. A rejeição de Retenção Indexical, lembre-se, foi baseada no fato de que quaisquer dois tokens distintos de expressões indexicais podem ter referentes distintos sem o conhecimento de seu emissor, ou seja, que sua co-referência nunca é garantida *a priori*. Observe, porém, como as coisas parecem ser diferentes em relação aos demonstrativos de memória: não parece possível que um demonstrativo de memória deixe de co-referir com a expressão indexical que lhe deu origem. A razão pela qual isso ocorre, sugiro, é que os demonstrativos de memória têm seus referentes determinados de maneira deferencial, ou seja, eles *herdam* o referente, qualquer seja este, que possuía a expressão que lhe deu origem.¹¹

Isso aponta para uma semelhança entre demonstrativos de memória e expressões deferenciais, aquelas que “pegam carona” no referente de alguma outra expressão. Por exemplo, suponha que alguém introduza o nome ‘Fábio Fofoca’ com a estipulação de que se refere a sobre quem quer que seja que as pessoas do outro lado da sala estão atualmente fofocando. Assumindo que ‘Fábio Fofoca’ possui um referente, este será obrigatoriamente a pessoa sobre a qual as outras estão fofocando. Não há nenhuma possibilidade de divergência referencial (onde o nome se referiria a alguém, mas os fofoqueiros, outra pessoa). Tanto os demonstrativos de memória quanto as expressões deferenciais estão intrinsecamente ligadas a outra expressão de uma forma que impossibilita que eles possam falhar em co-referir. Diferentemente de expressões indexicais distintas, sua co-referência é garantida *a priori*.

¹¹ Não estamos levando em conta a possibilidade de *quase-memórias* (Shoemaker 1970, Recanati 2016 p. 92-94), ou seja, pensamentos que são qualitativamente indistinguíveis de memórias reais, mas cuja fonte experiencial não ocorreu no próprio passado do pensador. Mesmo que as quase-memórias sejam metafisicamente possíveis, elas são um caso muito *rebuscado* e podem ser deixadas de lado para os propósitos atuais.

Isso é suficiente para estabelecer que nossa rejeição de Retenção Indexical não é incompatível com a tese de que pensamentos indexicais são *convertidos* em pensamentos de memória. Desta forma, a retenção de crenças recebe uma explicação adequada enquanto os problemas enfrentados por outras teorias da dinâmica cognitiva são evitados.

No início do artigo, observamos brevemente que não contaríamos crenças sobre si (aquelas que podem ser expressas com 'eu', por exemplo) como indexicais para os propósitos de nossa discussão. Vamos agora explicar o porquê disto. Simplificando, as crenças sobre si não dão origem a um problema filosófico relacionado com a dinâmica cognitiva. Crenças que anteriormente expressamos através de 'eu' podem ser facilmente re-expressas da mesma maneira. Não há necessidade de conversão, pois, do ponto de vista de um pensador, simplesmente não há mudança contextual que possa alterar o referente de seus proferimentos em primeira pessoa. Em outras palavras, não se pode perder a noção de si mesmo da mesma maneira que se pode perder a noção do tempo ou do espaço. Isso sugere que a dinâmica cognitiva dos pensamentos próprios é diferente daquela de nossos pensamentos temporais, locativos ou perceptuais. Crucialmente, podemos saber *a priori* que qualquer um de pensamentos sobre si co-refere com os outros, enquanto o mesmo não é verdade para os outros pensamentos indexicais. Consequentemente, a simples idéia de converter nossos pensamentos sobre si em pensamentos de memória é sem sentido, e, deste modo, a questão da dinâmica cognitiva simplesmente não pode ser posta com relação a eles.

9. CONCLUSÃO

Avaliei três estratégias diferentes para lidar com a dinâmica cognitiva antes de sugerir minha própria visão. Embora minha visão tenha a consequência contra-intuitiva de que não se pode dizer que nenhum proferimento indexical expresse um pensamento que seja o produto adequado de ter retido outra crença, seus benefícios teóricos parecem superar suas perdas. Mais particularmente, ao vincular a retenção de crenças indexicais com a memória, somos capazes de manter a Transparência de nossos pensamentos, sem abrir mão da Factividade (como Boczkovic 2015 decide fazer), nem colocar pensamentos e intenções referenciais tão próximos uns dos outros (como Recanati 2016 o faz). Não somos os primeiros a perceber que a memória e a retenção de crenças devem andar de mãos dadas, no entanto, ao contrário de outros autores (Branquinho 2008), demos um passo adiante: defendemos que a memória não é apenas suficiente, mas

necessária para a retenção. Esta, então, é a minha solução para a questão da dinâmica cognitiva.

Quando Kaplan (1989, p. 537-8, f. 64) lançou originalmente a questão da dinâmica cognitiva, ele o fez por meio da seguinte pergunta: “o que significa dizer de um indivíduo que certa vez afirmou com sinceridade uma sentença contendo indexicais que em algum momento posterior ele mudou (ou não) de opinião em relação à sua afirmação?”. Nossa resposta, então, é: esse indivíduo não mudou de idéia em relação a sua afirmação se e somente se ele converteu o pensamento expresso por seu enunciado original em um pensamento baseado na memória, um que ele estaria agora disposto a expressar (e assentir a) por meio de um proferimento contendo um demonstrativo de memória.

REFERÊNCIAS

- BRANQUINHO, J. 1998. The problem of cognitive dynamics. *Grazer Philosophische Studien* 56:2-15.
- BRANQUINHO, J. 2008. On the persistence and re-expression of indexical belief. *Manuscrito* 31(2):573-600.
- BOGHOSSIAN, PA The transparency of mental content. *Philosophical perspectives*, pages 33–50, 1994.
- BOZICKOVIC, V. 2015. Belief Retention: A Fregean Account. *Erkenntnis* 80 (3):477-486.
- CAPPELEN, H. and DEVER, J. 2013. *The Inessential Indexical: On the Philosophical Insignificance of Perspective and the First Person*. Oxford University Press, Oxford.
- EVANS, G. 1981. Understanding demonstratives. In Herman Parret (ed.), *Meaning and Understanding*. Clarendon Press 280--304.
- FREGE, G. & BEANEY, M. (eds.) 1997. *The Frege Reader*. Blackwell Publishers.
- GARCÍA-CARPINTERO, M. & TORRE, S. (eds.) (2016). *About Oneself: De Se Thought and Communication*. Oxford University Press.
- KAPLAN, D. 1989. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics and Epistemology of Demonstratives and other Indexicals. In Joseph Almog, John Perry & Howard Wettstein (eds.), *Themes From Kaplan*. Oxford University Press. pp. 481-563.
- KINDERMANN, D. 2019. Coordinating perspectives: De se and taste attitudes in communication. *Inquiry: An Interdisciplinary Journal of Philosophy* 62 (8):912-955.
- NINAN, D. 2015. On Recanati's Mental Files. *Inquiry: An Interdisciplinary Journal of Philosophy* 58 (4):368-377.
- NINAN, D. 2016. What is the problem of de se attitudes? In M. García-Carpintero and S. Torre, editors, *About Oneself: De Se Attitudes and Communication*. Oxford University Press, Oxford.

PERRY, J. 1979. The Problem of the Essential Indexical. *Noûs* 13: 3-21.

PERRY, J. 1996. Rip Van winkle and other characters. *European Review of Philosophy* 2:13-39.

RECANATI, F. 2012. *Mental Files*. Oxford University Press.

RECANATI, F. 2016. *Mental Files in Flux*. Oxford University Press.

SHOEMAKER, S. 1970. Persons and Their Pasts. *American Philosophical Quarterly* 7: 269-85.